

As carneiras da civilização caboclo-sertaneja no contestado: morrer e enterrar antes e durante a Guerra — uma primeira leitura sobre a cultura fúnebre, crematórios e valas comuns



RESUMO

O presente artigo objetiva traçar uma primeira leitura analítica sobre uma Geografia da Morte para a região da Guerra do Contestado (1912-1916), como parte do processo de formação da civilização do grupo social sertanejo-caboclo do sertão dos estados do Paraná e de Santa Catarina, no Sul do Brasil. Do ponto de vista metodológico, são feitas descrições de três campos santos e um crematório de cadáveres a partir de fotografias captadas em trabalhos de campo na região. É realizado um esboço de marco teórico sobre a questão da cultura fúnebre da população regional, antes e depois da guerra, desde os atos de enterramento dos corpos nos cemitérios seculares caboclos, e nas valas comuns, fruto dos contágios do tifo e da cólera, assim como pelos bombardeios do massacre praticado pelas forças legalistas e das milícias no período final dos combates. Na região da Guerra do Contestado, os cemitérios, mesmo os dominados por valas de deposição coletiva de corpos, assim como os espaços dos crematórios e os seculares cemitérios caboclos existentes naquela área, são tratados como espaços sagrados, pois neles estão depositadas as memórias dos mortos e do seu grupo social, representando a identidade cultural da população regional, vistos como fragmentos das suas materialidades e imaterialidades socioterritoriais e culturais.

Palavras-chave: Geografia da Morte; Região da Guerra do Contestado; Civilização Caboclo-sertanejo; Cultura Fúnebre.

* Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pesquisador de Produtividade do CNPq/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/9299585302216595>



The graves of the “caboclo-sertanejo” civilization in the contestado: die and burry before and after the War — first analytic reading about the mournful culture, crematorium and mass graves

ABSTRACT

The following paper proposes a first analytic reading about a Geography of death for the Contestado war region (1912-1916) as part of the formation process of the “sertanejo-caboclo” social group civilization on the backlands of the Paraná and Santa Catarina states. From the methodological point of view, three holy Fields and one crematory are described through photos captured in fieldwork in the region. It is written a draft of the concepts about the regional population’s mournful culture before and after the war, such as the burial of the bodies in the “caboclos” secular cemeteries, common ditches, a product of the tifus and cholera contagions, and bombings from the massacre conducted by the legalist forces and militias in the final phase of combat. In the Contestado war region, the cemeteries, even those dominated by collective deposition of bodies, crematory spaces, and the “caboclos” secular cemeteries in that area, are treated as holy ground, because in them are deposited the memories of the deceased and their social group, representing the cultural identity of the regional population, seen as fragments of its sotiotorritorial and cultural materialities and immaterialities.

Keywords: Geography of Death; Contestado War Region; Die and Burry; Caboclo-sertanejo; Mournful Culture.

Las osadas de la civilización caboclo-sertaneja en el contestado: morir y enterrar antes y durante la Guerra — una primera lectura sobre la cultura fúnebre, crematorias y fosas comunes

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo trazar una primera lectura analítica sobre una Geografía de la Muerte para la región de la Guerra del Contestado (1912-1916), como parte del proceso de formación de la civilización del grupo social sertanejo-caboclo del sertón de los estados de Paraná y Santa Catarina, en el sur de Brasil. Desde el punto de vista metodológico, son hechas descripciones de tres campos sagrados y un crematorio de cadáveres a partir de fotografías captadas en trabajos de campo en la región. Es realizado un esbozo de marco teórico sobre el tema de la cultura fúnebre de la población regional, antes y después de la guerra desde los actos de inhumación de cadáveres en cementerios seculares caboclos, y en fosas comunes, producto de contagios de tifus y de la cólera, así como por los bombardeos de la masacre practicados por las fuerzas leales y de las milicias en el periodo final de los combates. En la región de la Guerra do Contestado, los cementerios, mismo los dominados por fosos para el depósito colectivo de cadáveres, así como los espacios de los crematorios y, los seculares cementerios caboclos existentes en aquella área, son tratados como espacios sagrados, pues en ellos están depositadas las memorias de los muertos y del su grupo social, representando la identidad cultural de la población regional, vistas como fragmentos de sus materialidades e inmaterialidades socio territoriales y culturales.

Palabras-clave: Geografía de la Muerte; Región de la Guerra Contestado; Morir y enterrar; Caboclo-sertanejo; Cultura Fúnebre.



Matar, morrer e enterrar, entre o passado e o presente no sertão do Contestado

A luta pela existência e o ódio são as únicas coisas que unem as pessoas.
Liev Tolstói, em Anna Karenina (2013)

Cada sociedade tem, culturalmente, um modo de ver a vida, assim como a morte, o que envolve a tradição de cada povo. No passado do Brasil, por exemplo, os funerais eram realizados com as cerimônias de velamentos dos defuntos, feitas dentro das casas dos mortos. Porém, com a urbanização acelerada a partir da década de 1950, as cerimônias rápidas e curtas (no máximo 48 horas) passaram para as capelas funerárias, demonstrando certa pressa na realização, para concluir o processo de sofrimento gerado pela perda.

Ao considerar-se a continentalidade territorial brasileira, assim como a diversidade sociocultural, não há como homogeneizar as cerimônias fúnebres, pois, ao se tratar de um país de migração, há representações culturais desde o Oriente até o Ocidente. Contudo, as cerimônias mais comuns são cristãs-católicas, sendo realizadas na região em que ocorreu a Guerra do Contestado, no Sul do Brasil (Snowden, 2020).

As homenagens aos defuntos pelos vivos é parte marcante da cultura caboclo-sertaneja do Contestado, região histórica localizada em uma área do sertão catarinense e paranaense, cujo território possui mais de 54 mil quilômetros quadrados, cujo centro, com pouco mais de 10 mil quilômetros quadrados, foi a área onde ocorreram os conflitos entre militares e civis que ficou conhecido como Guerra do Contestado, oficialmente, entre os anos de 1912 e 1916 (Figura 01).

O Contestado é detentor de uma cultura secular no que diz respeito à morte. Há o registro de rezas, cantos, cortejos, enterramentos, ladainhas e recomendação das almas enquanto rituais que ligam a alma desencarnada ao sagrado, ao mundo espiritual, aqui, especialmente, à corte celeste cabocla – jardim do éden caboclo depois da sua morte na guerra, cujas histórias de feitos heroicos são atribuídas ao imperador Carlos Magno (Flaviense, *s.d.*), em que o bem sempre vencia o mal. Portanto, os sertanejos não morreriam, apenas fariam a passagem para a corte celeste (Fraga, 2022c).

No mapa contido na Figura 1, é possível se verificar a extensão territorial que envolveu a Guerra do Contestado, marcando a área do genocídio e, ao mesmo tempo, o território usado pelo domínio caboclo, o qual corresponde aos territórios dos municípios atuais reconhecidos em trabalhos de campo, realizados em mais de 20 anos, quando foram percorridos mais de 300 mil quilômetros para averiguações e coleta de dados *in loco*.



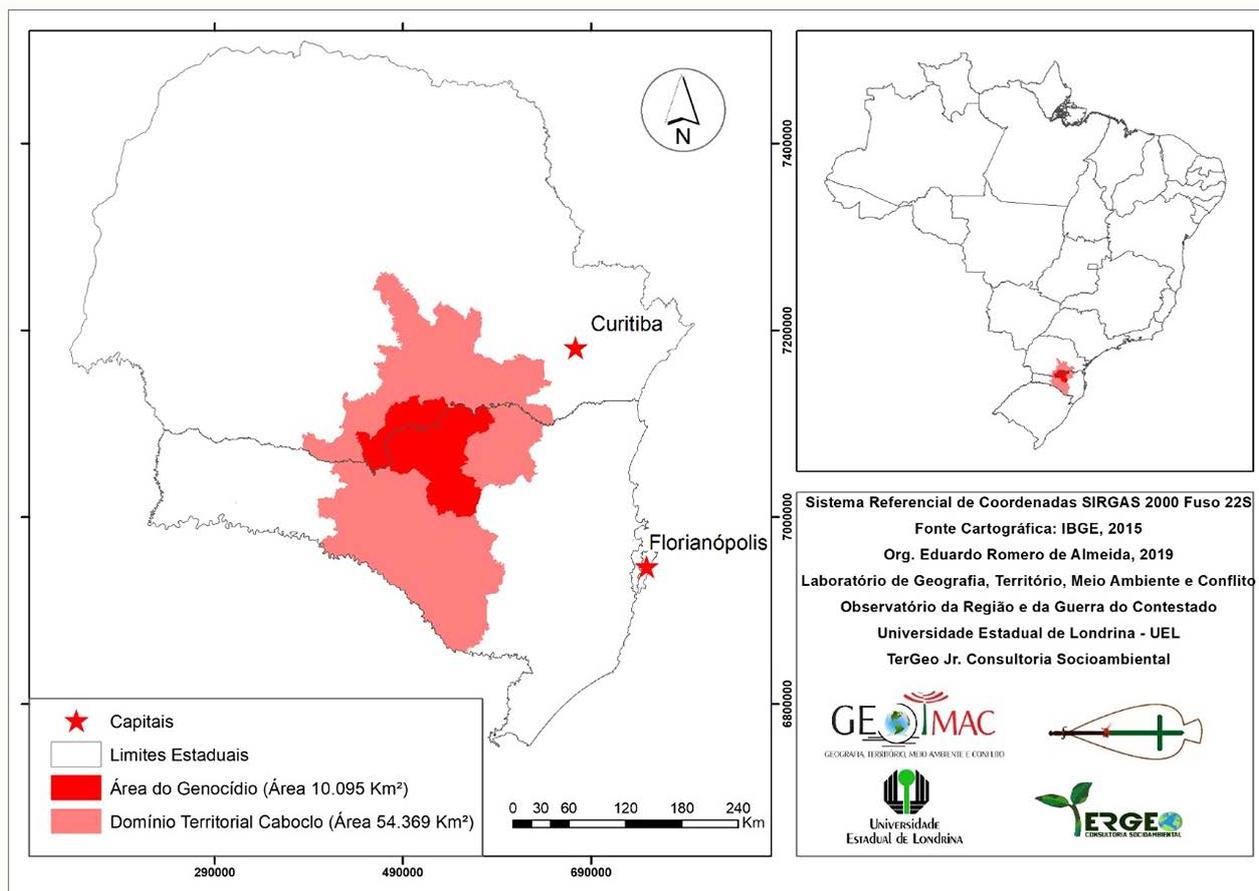


Figura 1. Mapa da região do Contestado no Paraná e em Santa Catarina – área do genocídio e domínio territorial caboclo.

Fonte: Fraga, Nilson Cesar, 2019.

O uso do termo genocídio pelo autor ocorre desde 2002, quando pela primeira vez avançou da discussão de massacre para algo mais profundo, ao considerar a Guerra do Contestado que se enquadrava como ação de extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, pois tinha como objetivo eliminar o grupo social caboclo, usando o fanatismo religioso como discurso para a eliminação cabocla (Fraga, 2016a, 2013 e 2002).

Ao traçar essa primeira leitura analítica sobre a Geografia da Morte para a região da Guerra do Contestado, como parte do processo de formação da civilização do grupo social caboclo-sertaneja do sertão dos estados do Paraná e de Santa Catarina, no Sul do Brasil, são procedidas descrições de três campos santos e um crematório de cadáveres, o das Perdizinhas, a partir de fotografias captadas em numerosos trabalhos de campo realizados na região, sobretudo desde o ano de 2000.

No que concerne a denominação grupo social ou civilização caboclo-sertaneja, a conceituação do grupo social caboclo é uma tarefa complexa. Isso se deve principalmente por ser a expressão cabocla muito abrangente, termo que designa diferentes tipos sociais que tem as suas raízes em várias formas de campesinato tradicional no interior do país. Estudiosos da população cabocla também sentem dificuldade em definir a sua mestiçagem étnico-racial, sendo que a maioria prefere evidenciar o “modo de ser” em vez do “tipo racial” (Fraga, 2022a). Assim o caboclo recebe nomes e sinônimos variados conforme a região em que se localiza

e a maneira de como é compreendido: sertanejo, caipira, lavradores nacionais, nacionais, brasileiros, ervateiros e entre outros (Reichert, 2008, p. 35).

Etimologicamente, o nome caboclo vem do tupi *kari'boka*, que significa *descendente de branco*. No entanto, existem algumas discordâncias sobre a verdadeira origem do termo. Alguns etimólogos sugerem que a palavra surgiu do tupi *kuriboka*, que quer dizer *filho de mãe índia e pai branco*; já outros afirmam que a expressão em tupi *caa-boc*, que significa *o que vem da floresta*, tenha dado origem ao nome caboclo. Nas áreas de colonização alemã, em Santa Catarina, o caboclo era conhecido como Valdäulfer – *andarilho do mato*. O caboclo, como termo e como Ser(es), deve ser compreendido como uma identidade de origem camponesa que se constituiu a partir da mestiçagem étnico-racial entre europeus (espanhóis e portugueses), negros e indígenas (Fraga, 2016b).

Mas o termo caboclo, para este autor, se caracteriza como um modo de vida, onde, no Contestado, o homem/mulher, cor-de-pinhão, plantava milho e feijão, embora em pequena escala, com o qual tratava parcialmente os animais, pois a natureza abrigava-os quanto ao sustento; fazia do milho a quirera e canjica, dois dos principais alimentos que adicionados ao feijão, constituía a base de carboidratos da alimentação. Abatia o suíno que criava em torno de sua choupana e dele tirava a banha e a carne que, acrescida à carne bovina, inteirava a proteína. O suíno depois de morto, era simplesmente cortado em duas partes, no sentido longitudinal e colocado em um estrado sobre o braseiro e ali permanecia sendo defumado, o que o mantinha por muito tempo. A carne bovina era transformada em charque e igualmente armazenada. Tiravam o leite, cujo excedente era colocado em chifres – chamavam-nos de guampa – o qual se transformava em coalhada. Criavam aves e mantinham um pequeno quintal no qual cultivavam salsa, cebolinha e couve.

Dessa forma, ser Caboclo na região do Contestado é um estado de espírito, uma herança secular dos habitantes mais originais, podendo ser representado pela forma de falar, de pensar o mundo, de dividir a comida com o próximo, do reconhecimento da figura do Monge João Maria, no aquecer o corpo com uma cuia de chimarrão, no degustar uma quirera com carne de porco, no pinhão assado na chapa ou na grimpa (Fraga, 2017). Os sabores estudados durante parte das pesquisas refletem a cultura cabocla. Essa cultura alimentar apresenta-se como um “suspiro” de identidade e de cultura que restou dos tempos da guerra, onde havia uma tentativa extrema de obliteração tanto da existência dos caboclos como da cultura cabocla” (Silveira e Fraga, 2015).

Este trabalho é fruto de um processo histórico de investigações do autor, cuja lente teórico-prática possui quase três décadas de estudos geográficos sobre a região da Guerra do Contestado, desde as questões política, sociais, culturais, econômicas, territoriais e, neste ensaio, um tratamento inicial das questões que envolvem a cultura fúnebre da população regional, antes e depois da *guerra*, não apenas dos atos de enterramento dos corpos nos cemitérios seculares caboclos e nas valas comuns durante os numerosos combates, mas também fruto dos contágios do tifo e da cólera, assim como pelos bombardeios do massacre final praticado pelas forças legalistas e das milícias no reduto santo de Santa Maria-Caçador Grande e, Perdizinhas, buscando, com isso, descrever parte do ato de matar nesta guerra civil,

assim como o de morrer e o enterramento, considerando as relações espaço-tempo no sertão do Contestado, desde décadas antes do período belicoso.

Prólogo: da Guerra do Contestado, ao desenterrar o (no)Contestado

Antes de trazer um olhar geográfico sobre a morte, os rituais e a eliminação de corpos no decorrer da guerra e períodos anteriores, se faz necessário trazer alguns elementos que tracem um olhar sobre a região, principalmente uma descrição do que foi e de seus reflexos na vida regional. Neste ponto, parte-se do princípio de que a guerra não acabou, a guerra segue nesses mais de cento e dez anos sobre as vidas do povo que habita o Contestado, sendo tal afirmação, uma metáfora geográfica, penando em uma Geografia Política do Contestado – a guerra pela vida no espaço geográfico. Faz mais de uma década que este autor vem dizendo que o Contestado segue em guerra, e segue mesmo, pois parcela considerável da população vive à margem da sociedade regional, convivendo com os mais baixos índices de desenvolvimento humano registrados nos dois estados (Fraga, 2013).

A Guerra do Contestado ocorreu, oficialmente, entre os anos de 1912 e 1916, sendo esse seu recorte temporal, sendo o período de maior mortandade se estendeu entre 1914 e 1918, pois os esquadrões da morte, as milícias dos coronéis, varriam os sertões caçando e eliminando a população cabocla, cumprindo um dos objetivos desta guerra: eliminar o povo caboclo e abrir espaço para a recolonização regional por meio da colonização europeia, em um processo de branqueamento daquela porção sulista (Fraga, 2017a).

Para uma melhor compreensão da Guerra do Contestado, se faz importante mencionar que ela foi definidora dos territórios atuais dos estados de Santa Catarina e do Paraná, e que ela foi uma das maiores guerras civis registradas no continente americano, porque o genocídio de milhares de camponeses pobres foi sua fundamental razão de ter acontecido. Importa-nos, aqui, registrar que a Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam eles de ordem social, política, econômica, cultural, ambiental, sejam de ordem religiosa.

Os caboclos e as caboclas, cansados/as, desacreditados/as e imbuídos/os de um sentimento de revolta pelos abusos que sofriam, se uniram na crença do catolicismo popular, aderindo às pregações do monge José Maria, que os incentivou a lutarem pelos seus direitos – a fé inabalável se constituiu como fator de coesão popular cabocla que os manteve em guerra civil durante quatro anos.

Há, no decorrer da história regional, a presença da passagem de três monges profetas que passaram e moldaram a cultura caboclo-sertaneja, que em muito se aproxima dos beatos nordestinos, a exemplo de Antônio Conselheiro, eram provavelmente três monges que passaram pela região, apesar de suas atuações se misturarem muito na memória da população como as *do monge*, pois, para a população regional, os três eram apenas um, porquanto um era a reencarnação do outro. O primeiro monge era São João Maria, que percorreu todo o sul caboclo já nos meados do século XIX. Os outros dois se diziam a reencarnação do primeiro (Fraga, 2006). O monge mais conhecido entre eles foi o monge José Maria, isso em tempos da



guerra que se iniciava. Vicente Telles, estudioso e folclorista de Irani, resume os três monges assim: o primeiro era o *santo*, o segundo era o *político* e o terceiro era o *guerreiro*, e tal forma de classificar os monges foram apropriadas por Gallo (1999), quando discute o sonho do milênio igualitário vivido no Contestado. Trazer esse fragmento explicativo sobre os monges, ajuda a entender a base cultural religiosa que moldou o modo de vida caboclo-sertanejo e sua relação com a morte.

O Exército Encantado de São João Maria (ou mesmo de São Sebastião) contou com quase 10 mil pessoas armadas, geralmente homens, crianças e mulheres juntos, jovens e velhos. Unindo em luta praticamente toda a população pela sua sobrevivência econômica e cultural, e devido à sua forte fé, resistiram até ao fogo armado, acreditando que isso faria parte da sua glória. Mas os caboclos e as caboclas venceram moralmente a guerra, pois seus princípios éticos prevaleceram até os dias atuais, tais como o trato com os elementos da natureza, o cuidado com animais de criação, o cuidado social do grupo, que pode ser facilmente resumido com a frase do monge José Maria, ao dizer que *quem tem mói, que não tem mói também e no fim todos ficam iguais* (Fraga, 2005).

Apesar da inferioridade numérica, os militares dispuseram de melhor aparelhamento bélico; assim, utilizavam canhões, metralhadoras, bombas, espadas e fuzis, contra facões de pau, velhas espingardas, mosquetões e revólveres dos sertanejos, mas se defrontaram com um verdadeiro exército rival, disciplinado, formado por pessoas conhecedoras do terreno e da natureza, numa verdadeira guerra de guerrilha (Fraga, 2017b).

Por fim, a tática militar foi cercar o povo caboclo numa região menor e nela ir penetrando, ainda que lentamente, a fim de não deixarem entrar alimentos e munições aos redutos (cidades santas dos agrupamentos caboclos), enfraquecendo os sertanejos. As doenças, típicas de tempos de guerras, a exemplo do tifo e da cólera, foram exterminando os revoltosos, e os que fugiam da morte acabavam se entregando às forças oficiais, sendo, a maioria executada sumariamente e enterrada em valas comuns ou cremados (Fraga, 2005).

Não se tem um número preciso sobre o total de mortes ocorridas no decorrer da Guerra do Contestado, mas se estima que gire em torno de 10 mil, podendo chegar a 30 mil, pois nos anos posteriores ao final da guerra, forças policiais e jagunços/milicianos contratados – estes últimos armados com o arsenal deixado na região pelo Exército brasileiro – realizaram, ainda junto aos coronéis da região, buscas pelos sertões com o propósito de imporem a ordem e acabarem com possíveis resistências do Exército Encantado de São Sebastião, em alguns casos, também chamado de Exército Encantado de São João Maria. O que se sabe é que estas forças realizaram uma verdadeira limpeza humana na região do Contestado, matando os/as caboclos/as refugiados/as no meio do mato, sem discriminar quem quer que fosse encontrado: homens, mulheres, velhos ou crianças, todos eram executados, muitos destes eram cremados, outros eram lançados ao mato, servindo de alimento para os porcos e as aves de rapina, como também jogados nos rios (Fraga, 2006 e 2019).

Desta forma, à luz desse preceito, a Guerra do Contestado, marcada pelos trucidamentos em massa, pelo extermínio, pela perseguição, pela violação do corpo (estupros), pelo bombardeio de igrejas repletas de caboclos e caboclas, pelo cerco gerador da fome em Santa



Maria-Caçador Grande, pela cremação de cadáveres para eliminação das provas etc., foi, de fato, um dos momentos mais violentos da consolidação final do sistema republicano brasileiro, não deixando de ser, um crime de guerra (Fraga, 2016a; 2019). E mais, os meses do Açougue Humano no Contestado foram os mais devastadores da história regional (Fraga, 2022b).

O volume de dezenas de sítios histórico-geográficos no Contestado demonstram um rico acervo de memórias materiais, e também imateriais, sobre o modo de vida caboclo e, mais ainda, sobre as ações no desenrolar de quatro anos de guerra, abrindo um leque de possibilidades de fenômenos que permitem explicar a realidade que permanece na superfície do mundo caboclo, e também enterradas sobre o solo regional, com dezenas de cemitérios caboclos de muitas décadas antes da guerra, assim como valas comuns, crematórios e outros locais de deposição de corpos, a exemplo de rios, cachoeiras e grotões na floresta com araucária (Fraga, 2022a).

Os fatores relacionados ao enterramento de corpos durante a guerra levaram à criação do método de análise do território, chamado de Método Arqueogeográfico, que se caracteriza como uma forma de reconhecimento da importância da Geografia das sociedades do passado e as dinâmicas originais que elas criaram, o que, resumidamente, seria uma aliança entre a Geografia e a Arqueologia. Traz, ainda no seu bojo, a arqueologia do saber, de Michel Foucault, e o prazer pelo questionamento em torno dos objetos, permitindo reconstruir a paisagem do passado para se entenderem as formas de mudanças ocorridas nas paisagens-territórios (Fraga, 2022c).

Desta forma, é possível dizer que a Arqueogeografia seria os estudos das coisificações/rugosidades espaciais do passado e sua dinâmica, em todas as dimensões possíveis, sendo a história da transformação do espaço geográfico ecúmeno, operado, mobiliado, transmitido e herdado. Possui especialidades operacionais por meio dos objetos deixados por sociedades passadas, tais como seus habitats, mesmo que estes estejam fragmentados sobre as paisagens-territórios, pois são sempre híbridos, os estudos territoriais, assim como os estudos das representações que as sociedades têm sobre o seu espaço que, em conjunto, geram reavaliações das condições das dinâmicas espaciais (Fraga, 2022b).

Do Contestado cultural caboclo e da guerra quase tudo se perdeu, porque, pela fragilidade material dessa população, seus pertences, sua arquitetura, suas vilas/redutos, seus cemitérios, seus campos de batalhas, suas trincheiras defensivas e seus pertences menores, como imagens de santos, louças, armas etc., sucumbiram ao tempo. Mas, não é muito diferente dos registros materiais sobre as expedições do Exército brasileiro, que foram consumidos pelo tempo (Fraga, 2022a).

Mas o mais grave é o fato de suas memórias sociais apagarem-se no meio do abandono regional sobre esse fato histórico e essa cultura. Silenciados pelas histórias oficiais e pela cultura europeia que reterritorializou a região no pós-guerra, o povo caboclo teve a sua cultura suprimida por mais de 70 anos – falar sobre a Guerra do Contestado foi transformado em um tabu na região; caboclos e caboclas foram calados e seu modo de vida se tornou invisível, mantendo-se nas sombras do Contestado branco e europeu – da mesma forma, seus locais de sepultamentos anteriores à guerra quase desapareceram na paisagem regional.



Em meio ao abandono e à perda da maior parte dos sítios histórico-geográficos, com as comunidades locais e regionais, foram promovidas numerosas incursões pelo interior na busca do que havia sobrado do Contestado caboclo-sertanejo, dos vestígios das batalhas da guerra e dos seus cemitérios seculares. Filhos e filhas dos sobreviventes da guerra indicaram a este pesquisador um grande número desses sítios. Mesmo abandonados e perdidos no tempo e no espaço, eram fragmentos necessários para serem salvaguardados como testemunhas da guerra e da existência dessa população tradicional desde muito antes da guerra. O envolvimento com a população autóctone era o único caminho para identificar e, posteriormente, tentar restaurar e proteger o que havia sobrado.

Mas o povo caboclo é desconfiado, com razão, já que são mais de 110 anos de perseguição e carregamento do fardo de terem sido lançados na história oficial como os responsáveis pela guerra. Rompida a desconfiança, sobretudo para pesquisadores que vêm de fora e não são parte da comunidade, passou-se à inventariação de locais, sítios, artefatos, fotografias e memórias dessa população, dentre elas, muitos cemitérios seculares, sobretudo das comunidades mais interioranas, que foram encontrados, identificados e inventariados. Era preciso trazer à tona, principalmente, esses locais sagrados, pois os cemitérios são a base da comprovação da existência desta cultura caboclo-sertaneja, desde tempos quase imemoriais, e os mais antigos encontrados datam de, aproximadamente, 1550, ainda na primeira fase da reocupação europeia.

Geografia da Morte e dos contágios: o campo santo do sertão

Uma Geografia da Morte vem sendo estudada no Brasil, mas quase sempre associada às questões que demonstram as informações de estratificação da sociedade no período da escravização africana e indígena no país, cujos aspectos hierarquizantes do legado do regime promoviam seus ritos sobre morte, geralmente sobre o estatuto social dos indivíduos, assim como a forma, o papel da Igreja e do Império, este último a partir de 1828 (Lacerda Delfino & Rios de Carvalho, 2020).

O ato de sepultar interessa cientificamente à Geografia Humana, em linhas de pesquisas, tais como, cultural, fenomenológica, estudos da percepção, da topofobia e da topofilia. Há numerosos estudos e grupos consolidados, porém com menor incidência sobre estudos das mortes e do sepultamento. Os estudos estão, geralmente, envoltos pelas análises das paisagens, estendendo-se desde as questões do sagrado ligado aos mortos na cidade dos vivos, ou seja, os cemitérios no conjunto da urbanização. Há relativa gama de trabalhos sobre a questão da higienização na vida urbana, a partir das materialidades – os cemitérios em si.

Via de regra, as pestes, as grandes pandemias e epidemias são notadamente registradas nos centros urbanos, pois geralmente são espaços complexos, cujo entulhamento de pessoas acaba expondo-as com mais facilidade às contaminações. Tuan (2005, p. 158) traz elementos de tais situações nas cidades europeias durante as pestes:

A peste transformava todos, ao mesmo tempo, em desconfiados e suspeitos – vizinhos muito amigos e parentes próximos podiam ser



portadores da morte. O medo da infecção era tanto que os que tinham que andar pelas ruas zigzagueavam, cruzando de um lado para o outro a fim de evitar contato com outros pedestres. (...) Um costume cada vez mais comum era empregar os doentes e suas famílias dentro de suas casas, onde por falta de cuidado e alimento pereciam não apenas os doentes como também os sadios. (...) Quando uma epidemia mortal irrompia numa cidade, a resposta quase instintiva dos seus habitantes era fugir. Mas para onde? Quer doentes, quer não, eram considerados por outras pessoas como contaminados pela doença e representavam uma ameaça mais específica, mas não menos funesta que o ataque violento de uma 'nuvem envenenada'.

O ambiente vivido pelos seres humanos só possui existência social por intermédio da forma a qual os seres o concebem, analisam e percebem suas numerosas possibilidades, estas envoltas pelas suas técnicas que permitem a exploração para a vida, o viver. Tais fatores são marcados pela intercessão tecnológica essencial nas relações e correlações dos grupos humanos com o mundo que os cerca, afinal, a natureza oferece aos seres humanos seus recursos e suas amenidades, mas, e também, as ameaças à vida material (infraestruturas) e imaterial (simbólica). É o ambiente que dá sentido para a sociedade, para a vida e para a morte (Claval, 2001, p. 219)

Em casos de guerras, as infraestruturas são comprometidas, fazendo com que as pestes se alastrem durante períodos belicosos longos. Isso não foi diferente na Guerra do Contestado, pois, ao seu final, as quase 30 comunidades (redutos santos caboclos) espalhadas pelo território de domínio sertanejo, que variavam bastante no número de moradores, se uniram em uma grande aglomeração de milhares de casas no reduto-mor de Santa Maria-Caçador Grande, um grande vale cercado de íngremes formações montanhosas, com profundos cânions, onde convivia uma população de milhares de pessoas, em mais de cinco mil casas e onze igrejas (Fraga, 2019; 2006; 2017).

Por alguns meses, a população ficou presa nesse reduto, sem que as guardas caboclas e seus pelotões de aquisição de alimentos pudessem sair em busca de víveres. Os constantes ataques e bombardeios causaram incontáveis mortes, mas, além das investidas legalistas, tem-se o flagelo das doenças provenientes da incapacidade de construir infraestruturas mínimas de higiene, fazendo com que a população fosse atingida pelas epidemias de tifo e cólera. O número de mortes era superior à capacidade de um sepultamento dentro dos princípios do catolicismo xucro sertanejo, sobretudo nos primeiros meses de 1915, período em que a população cabocla passa a abrir valas para enterramentos, pois era impossível fazer carneiras individuais (Fraga, 2010).

As crianças que geralmente possuíam cemitérios exclusivos, chamados de Cemitérios dos Anjos, passaram a ser lançadas nessas valas. Não muito distante do inferno urbano (mesmo sendo um espaço urbano questionável nos de hoje, possuía milhares de casas, arrumamentos e outras infraestruturas para a vida em grupo) caboclo de Santa Maria-Caçador Grande, as forças legalistas republicanas matavam milhares de outras pessoas, que eram lançadas aos rios, em valas, e à medida que o número de mortes era superior à capacidade da força das águas

e da abertura das valas, passavam a ser empilhadas em barrancos e encostadas aos pés de grandes troncos de araucárias e queimadas com gripas e nós de pinheiros araucárias (Rocha, Zatta & Fraga, 2017).

Tem-se, nesse contexto, uma sobrecarga do espaço, cuja população faminta, empobrecida e com numerosas carências estava completamente exposta. A precariedade persistente ampliou o intenso flagelo caboclo, podendo, mesmo, determinar que a morfologia urbana ampliou a Geografia dos Contágios e, sucessivamente, a Geografia das Mortes, pela sensibilidade social do território caboclo, transformando o sertão do Contestado, sobretudo o vale de Santa Maria-Caçador Grande, em um enorme campo santo no sertão, tamanha era a quantidade de corpos que jaziam sobre o chão, nas curvas dos caminhos, nos riachos, nas valas comuns, nos crematórios ou calcinados no interior das 5.532 casas e 11 igrejas queimadas ao final dos combates legalistas (Fraga, 2012; 2019).

Morrer e enterrar nos cemitérios, crematórios e valas comuns: desde antes até a Guerra do Contestado

Os cemitérios são vistos e sentidos como espaços sagrados onde estão depositadas as memórias dos mortos, assim como de um grupo humano; da mesma forma, os cemitérios são os registros da cultura e da identidade deste grupo, com materialidades e imaterialidades, sendo espaços de inexorável importância para as análises científicas das ciências humanas, sociais, e mesmo outras área do conhecimento.

Na região da Guerra do Contestado, há o registro de numerosos cemitérios seculares da cultura do grupo social caboclo, e eles se tornam elementos da paisagem, formando importantes sítios histórico-geográficos que territorializam esse grupo no espaço e no tempo. Mas a região apresenta outros elementos fúnebres que coexistem naquele território, os cemitérios, as valas comuns e os crematórios de cadáveres eretos no decorrer dos quatro anos de guerra civil no sertão sulista.

A funesta Guerra do Contestado causou a morte de milhares de pessoas, gente demais para caberem nos cemitérios pequenos espalhados pelas comunidades sertanejas, que estavam sendo devastadas pelas tropas oficiais que agiam sobre a região.

A impossibilidade de realizar os ritos cristãos de sepultamento durante a guerra, sobretudo no decorrer das epidemias de tifo e cólera, além dos ataques do Exército brasileiro, fez com que tanto a população cabocla, quanto os militares e milícias que atuavam na região do conflito fossem obrigadas a eliminar a putrefação que se alastrava, por meio da abertura de valas nos redutos santos, valas comuns nos arredores desses ajuntamentos humanos e crematórios de cadáveres, em mais de três dezenas de localidades para a eliminação dos corpos pelas forças legalistas.

Naquele panorama de guerra, cujos combates ocorriam em campos de batalhas no miolo do território de domínio caboclo, nas margens da ferrovia, nas cidades, nas vilas e em outros grotões do Contestado, era muito difícil vencer a morte, assim como preservar as memórias dos que morriam, tanto que, depois de quatro anos de guerra, o Contestado ficou



impregnado de campos santos, alguns existiam desde muito antes da guerra, outros foram gerados a partir do genocídio ocorrido no sertão. Há mais de uma centena deles catalogados a partir de numerosos trabalhos de campo realizados nas últimas duas décadas, mapeados e fotografados, mas que demandam sistematização para uma publicação específica futura (Soethe & Fraga, 2012).

Incontáveis são esses campos santos, muitos dos quais já desapareceram por meio da ação do tempo, esmagados pelo *plantation* de pinus, sendo removidos pela ação dos arados, submersos sob as edificações das cidades, ou eliminados de propósito por fazendeiros que não desejam conviver com tais “patrimônios” em suas propriedades (Fraga, 2013 e 2016a).

Com o registro de milhares de mortes, centenas em um único dia de batalha, o enterramento dos corpos humanos se tornou um desafio para ambos os lados da guerra – oficialmente o Estado assume a eliminação de 6 ou 10 mil pessoas, este autor acredita terem sido eliminadas mais de 20 mil pessoas. Os registros da história oficial escrita e oral da população cabocla aponta para a abertura das valas comuns (coletivas) de ambas as partes. Soldados rasos e mesmo prisioneiros de guerra eram obrigados a arrastar os corpos até as valas, rios ou crematórios. Quando a putrefação se fazia insuportável e aterrorizava tanto soldados quanto caboclos, o Exército brasileiro cobria as pilhas de corpos com grapa e nós de pinheiro araucária, para que fossem eliminados pelo fogo (Fraga, 2017b)

Caboclos abriam valas, algumas nas bordas de cemitérios pequenos e antigos, e ali depositavam centenas de corpos, que eram cobertos com terra ao final de um dia de bombardeio sobre os redutos santos do vale de Santa Maria-Caçador Grande, neste mesmo vale, onde as forças legalistas queimavam centenas de corpos nas barrancas do rio Timbó ou encostados em frondosas araucárias seculares (Fraga e Simas, 2010).

Mas havia cemitérios exclusivos para as crianças durante a guerra, os cemitérios dos anjos, assim como cemitérios secretos só para soldados e milícias, sem que esses últimos tivessem algum tipo de identificação, estando muitos deles ainda perdidos no vasto sertão do Contestado, silenciados pela ação do tempo, invisíveis por não possuírem identificação alguma. Só a população regional, mais antiga, possui a memória da localização desses campos santos que estão sendo inventariados pelo Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito, com a ajuda da Associação Cultural Coração do Contestado e Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado, as duas últimas indicam os locais de tais sítios históricos, que são georreferenciados e fotografados pela equipe de pesquisa (Santa Maria, Caçador Grande, Caçadorzinho, Pastagem, Serra do Lucindo, São Pedro, São Sebastião, Bom Sossego, Tavares, entre outros, para citar alguns exemplos).

Como há pouco espaço neste artigo que trata de uma primeira e inicial leitura sobre a cultura fúnebre da civilização caboclo-sertaneja do/no Contestado, apresenta-se na sequência, finalizando este ensaio, imagens e informações sobre alguns locais de enterramento humano no Contestado, assim como um crematório de cadáveres e uma vala comum, a partir dos resultados de pesquisas Arqueogeográficas que estão sendo realizadas na região por meio deste método de análise profunda do território da guerra (Fraga, 2022b).



Os estudos nos campos das mortes no Contestado exigiram a criação de um método de análise do espaço geográfico, a Arqueogeografia, que se baseia nos estudos das cosificações/ rugosidades espaciais do passado e sua dinâmica, em todas as dimensões possíveis, sendo a história da transformação do espaço geográfico ecúmeno, operado, mobiliado, transmitido e herdado. Possui especialidades operacionais por meio dos objetos deixados por sociedades passadas, tais como seus habitats, mesmo que estes estejam fragmentados sobre as paisagens-territórios, pois são sempre híbridos, os estudos territoriais, assim como os estudos das representações que as sociedades têm sobre o seu espaço que, em conjunto, geram reavaliações das condições das dinâmicas espaciais. Nesse ponto, a Arqueogeografia é tanto descritiva - morfológica -, quanto nomotética, especialista e paisagem periodizada e dinâmica, como ideográfica, permitido inventariar os sítios histórico da morte, assim como proceder análises profundas desses locais de interesse para os estudos comprobatórios do crime de guerra ocorrido no Contestado (Fraga, 2022a).

A figura 2 mostra a estrutura material do Crematório de Cadáveres de Perdizinhas, pequena localidade rural, do município de Lebon Régis, por onde tentou passar parte do êxodo caboclo que rumava para a Serra da Boa Esperança, e de lá para o vale de Santa Maria-Caçador Grande, sendo esses últimos dois considerados como redutos da promessa cabocla.



Figura 2. Crematório de Cadáveres de Perdizinhas.

Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2016.

A maioria dos locais de cremação de cadáveres era muito simples, muitas das vezes os soldados e milicianos usavam os espaços naturais, desde grotas, encostas de barracos e de araucárias seculares, lajes de rochas que margeavam rios e, como apresentado na figura 2, construíam espaços específicos para tais fins. Geralmente, crematórios como este apresentado eram feitos de técnicas bem simples, mas eficazes por conta dos ventos planaltinos: faziam um buraco de pouco mais de um metro de profundidade, erguiam uma barreira retangular com rochas, seguindo o padrão das seculares taipas do Sul do Brasil, e lançavam os corpos lá dentro, ateando fogo com o poder de queima da gripa, cuja seiva da araucária as faz arderem em chamas rapidamente, acrescentando o nó do caule do pinheiro, cujo poder de geração de calor permitia calcinar até os ossos.

No sítio histórico-geográfico das Perdizinhas, havia um riacho com o mesmo nome, onde, no início da passagem do êxodo caboclo, os corpos eram lançados; porém, com pouco volume d'água, logo o mesmo estava repleto por dezenas de corpos em putrefação, sendo alimento das aves de rapina e outros animais da floresta. Com o passar dos meses finais de 1914 e início de 1915, o grande volume de pessoas executadas sumariamente exigiu a construção do crematório, mas logo ele ficou pequeno para a queima de tantos corpos, tanto que as forças legalistas usaram uma taipa que servia de cerca para uma propriedade rural localizada a pouco mais de 100 metros, e passaram a cremar mais corpos. Duas grandes máquinas de eliminação de corpos estavam instaladas nas Perdizinhas, além do cemitério caboclo da comunidade secular, distante uns 600 metros do crematório e, entre eles, havia uma trincheira de defesa, e em um morrote não muito distante, com excelente vista para o vale das Perdizinhas, havia outra trincheira de controle militar (Fraga, 2012).

Há o registro histórico de dois fuzilamentos nas Perdizinhas, isso no final de 1914; em um deles, 82 caboclos e caboclas receberam a lei marcial do oficialato da guerra de extermínio; no outro, 167 fuzilamentos com um tiro na nuca, cujos corpos já caíam no local da sua cremação (Fraga, 2022c).

A figura 3 exhibe o Cemitério Caboclo secular da comunidade das Perdizinhas, ereto em uma meia vertente, décadas antes da guerra – provavelmente seja da segunda metade do século XIX. Este cemitério é uma relíquia que comprova a civilização cabocla no sertão sulista do Contestado, pois é cercado por taipa, sendo ela um tipo construtivo advindo do período do Tropeirismo, cujo ciclo econômico de longa duração abrangeu um período que foi desde o fim do século XVII até meados do século XX.

Tais fatos mostram a posse da terra pelo grupo social caboclo, fato que lhes garantia o direito à terra de onde estavam sendo expulsos no processo de construção de uma nova Europa em céus da América, ou seja, o branqueamento das terras planaltinas do Paraná e Santa Catarina, naquele momento histórico que gerou a Guerra do Contestado.



Figura 3. Cemitério secular Caboclo da localidade de Perdizinhas.
Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2017.

A figura 3 apresenta o cemitério cercado e encoberto pelo *plantation* de pinus, um crime contra a história da comunidade, assim como coloca em risco o patrimônio da cultura caboclo-sertaneja, sem mencionar que o material lá depositado, os corpos, se constituem como um banco genético da formação socioterritorial dos sertões do Brasil que, a partir de estudos pormenorizados e em laboratórios de genética, ajuda a entender a formação humana do Brasil mais profundo no que concerne à brasilidade de fato.

Praticamente todos os cemitérios seculares caboclos estão nessa situação, e alguns já foram completamente destruídos pela ação do tempo e da modernização do uso da terra. Via de regra, homens e máquinas, ao fazerem a plantação de pinus, derrubam frágeis estruturas cemiteriais; quando isso não ocorre, eles são destruídos pela ação das máquinas de grande porte que fazem a derrubada das árvores que servem de matéria-prima para a indústria madeireira regional, principalmente a de capital estrangeiro. Há sérios riscos de perda do cemitério da figura 3, pois se acompanha o processo desde a plantação das mudas, no ano de 2000, e, em 22 anos, eles já estão praticamente prontos para serem cortados. Como as empresas são de outros municípios, não há o cuidado mínimo necessário na hora de arrancar as árvores, assim como não dão o devido valor ao patrimônio cemiterial na região, e não se tem política pública de defesa desse bem. Apenas o Crematório de Cadáveres das Perdizinhas foi tombado pelo município, em 2021, em uma localidade das mais importantes ao se pesar a última guerra da consolidação republicana brasileira.



Figura 4. Cemitério de Anjos na localidade de Caçadorzinho.
Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2017.

A figura 4 apresenta um fragmento dos Cemitérios dos Anjos, que se localiza próximo ao reduto santo de São Miguel; a localidade possui outro cemitério, em uma encosta próxima da planície do rio homônimo, onde se localizava a sede deste último ajuntamento caboclo, depois da devastação ocorrida no reduto santo de Santa Maria-Caçador Grande, após os bombardeios da Páscoa Sangrenta do Brasil, de 1915 – a Semana Santa daquele ano foi marcada por fortes bombardeios ao último grande reduto caboclo, foram quase que ininterruptos durante todos os dias, sendo mais intensificados na sexta e no sábado, quando milhares de caboclos foram calcinados pelas bocas dos canhões republicanos, milhares de casas e igrejas foram bombardeadas e queimadas, transformando os vales dos rios citados, em uma terra arrasada, cujos rios vertiam vermelho de sangue ao amanhecer daqueles dias (Fraga, 2015) .

Os Cemitérios dos Anjos são espaços com carneiras bem pequenas, onde estão depositados natimortos ou, mesmo, crianças recém-nascidas não batizadas. Tais cemitérios não são exclusividade do período da Guerra do Contestado, eles já existiam muito antes, mas muitos foram criados durante o período bélico, sobretudo durante a epidemias de tifo e cólera, porém há registro de muitas crianças mortas nos combates em tais cemitérios no reduto santo de Santa Maria-Caçador Grande.

O cemitério da figura 4 não dista muito do dos adultos, mas formam paisagens diferenciadas no espaço geográfico, abrindo possibilidade de reflexões sobre os significados de morrer e enterrar. Mesmo que muitos sejam campos santos de crianças não batizadas, eles possuem o apelo da sacralização simbólica, não causando topofobia, ao contrário, são espaços topofílicos, pois estão ligados à religiosidade cristã do catolicismo rústico sertanejo.

Mas, como se observa na imagem, o esvaziamento populacional tem sido responsável pelo abandono destes cemitérios. Quando ainda há famílias de agricultores com tais campos santos em suas propriedades, eles são relativamente conservados. Contudo, o pastoril, o arado e, sobretudo, o *plantation* de pinus, têm eliminado tais patrimônios, que são parte da memória coletiva, principalmente como referência do sofrimento da guerra, que ceifou milhares de vidas de crianças.

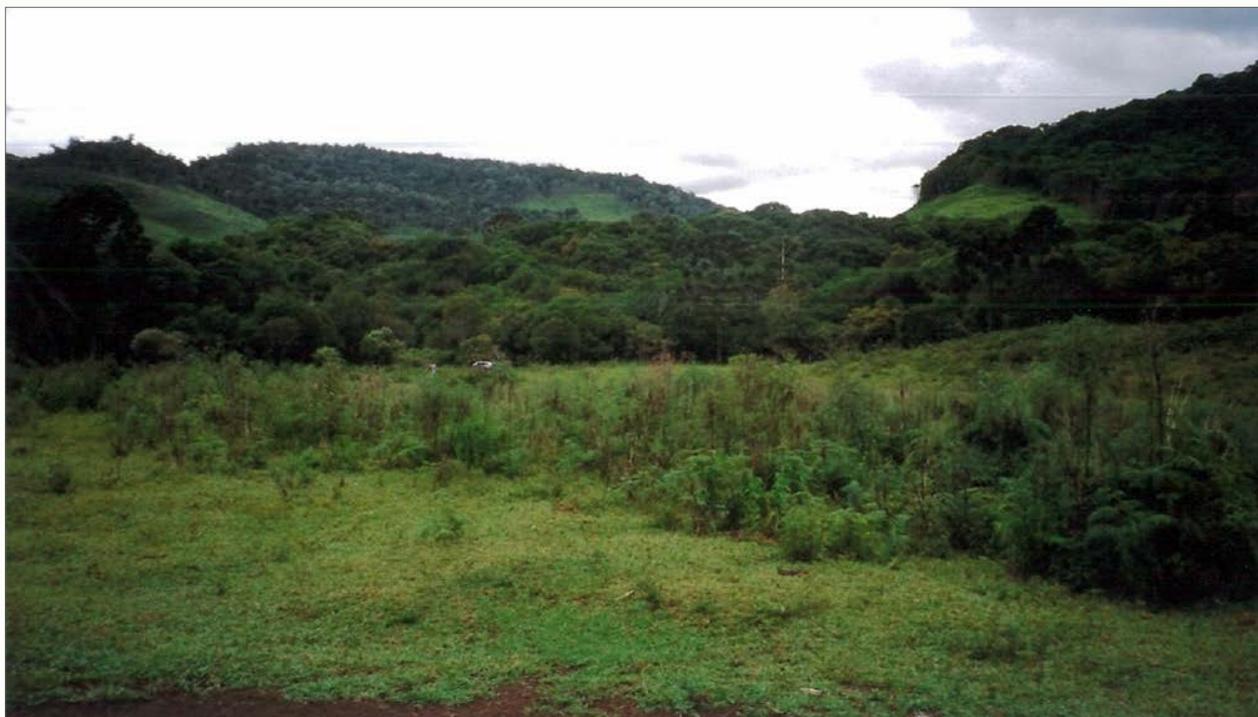


Figura 5. Cemitério Caboclo e vala comum do reduto-mor de Santa Maria.

Fonte: Nilson Cesar Fraga, 2004.

A grande pastagem presente no primeiro plano na figura 5, intercalada pelo mato crescente, se trata do maior, mais importante e icônico campo santo da Guerra do Contestado. Já havia nesse espaço um singelo cemitério caboclo secular, mas o reduto santo de Santa Maria-Caçador Grande vivenciou, na Semana Santa de 1915, os últimos e mais violentos combates finais da guerra. Deste local até a confluência dos rios Santa Maria, Caçador Grande, Lava Tripa etc. com o rio Timbó, milhares de caboclos e caboclas viviam seu maior agrupamento, em milhares de casas e onze igrejas, tudo feito em madeira, e tudo seria calcinado pela ação das tropas legalistas, na realidade, a maior ação do Exército brasileiro no conflito.

Durante quase dois meses de cercamento do vale, o povo caboclo-sertanejo viveu seus piores momentos na guerra, mas, na Páscoa daquele ano, os combates foram findados e a guerra contra os caboclos dada como encerrada pelo Exército. Durante dezenas de horas de bombardeio, a população explodia junto às frágeis arquiteturas dos seus prédios. O número de mortos era grande, tanto que o cemitério de Santa Maria se transformou em uma vala comum aberta pelos caboclos que, ao cessarem os bombardeios, lançavam seus mortos e fechavam a vala.

Assim, esse simples campo com morraria ao redor, demonstrado na figura 5, é um dos maiores depósitos de corpos de toda a Guerra do Contestado, estando na memória local e regional como a maior carneira coletiva daqueles dias de violência desproporcional, havendo cerca de quatro mil corpos enterrados nas valas comuns que cercam o antigo cemitério da comunidade cabocla.

Não muito distante dali, em vales menores de outros afluentes do rio Timbó, há outras tantas valas comuns, quem sabe em menor número do que as dos locais de cremação de cadáveres durante a guerra, mas esses devem ser temas para divulgações futuras, pois não há como se negar que o Contestado é uma grande carneira da civilização caboclo-sertaneja, que inclui locais de sepultamentos secretos das forças legalistas.

Considerações desta primeira leitura da Geografia da Morte no Contestado

Uma Geografia da Morte para a região da Guerra do Contestado aponta uma possibilidade inicial de análise do território em questão, sobretudo por se tratar de uma vasta região de profunda constituição socioterritorial secular do grupo social caboclo-sertanejo que viveu, e vive, no sertão paranaense e catarinense – ora como civilização brasileira cujos territórios passaram por investidas do Estado quando o capital nacional e o internacional viam interesse nele, geralmente causando conflitos de toda ordem, a exemplo da Guerra do Contestado que transformou a região em uma grande área salpicada por todo tipo de carneira para receber corpos indesejáveis para a elite e a burguesia nascente no início do século XX.

Essa Geografia da Morte poderia estudar apenas os cemitérios caboclos e sua cultura fúnebre do passado, quando do seu processo de territorialização, mas isso seria impossível, pois há um conjunto cemiterial dotado de ampla hibridez, quando se fundem, naquela região, cemitérios caboclos seculares com valas comuns de deposição de corpos da guerra e dos contágios mortíferos do tifo e da cólera, assim como dezenas de locais de cremação de cadáveres do morticínio dos combates da guerra. Tanto que, ao final da Guerra do Contestado, muitos desses campos santos foram reapropriados pela população sobrevivente, assim como pelos migrantes que reocuparam as terras caboclas como territórios sagrados de deposição dos seus mortos. Mas crematórios e valas comuns foram sendo esquecidos pelo território da guerra, pois mesmo que muitos os considerem como espaços sagrados do sofrimento humano, não havia a possibilidade moral de se esperar que essa população transformasse esses espaços de eliminação em campos santos, dando-lhes novo uso, agora sagrado, no pós-guerra. São valas e infraestruturas de eliminação de corpos que jazem pelo interior de vários municípios, alguns, inclusive, soterrados pela urbanização das cidades contestadenses.

A Geografia da Morte (Jesus, 2014), então, está vinculada à análise dos elementos que envolvem os espaços de deposição dos mortos cercados pelos vivos, desde as topofilias até as topofobias, assim como a cultura das materialidades artísticas dos túmulos e a fenomenologia que as envolve, as percepções humanas sobre o ambiente fúnebre na sociedade, os cemitérios nos espaços urbanos e rurais, relativos à higienização e aos impactos sobre a paisagem, a exemplo do que se viu sobre a região da Guerra do Contestado, sobretudo dos locais de



extermínio e eliminação dos empilhamentos de cadáveres, que se caracterizam como campos santos, mas são vistos como espaços do horror da morte em grande quantidade, pois a grande vala coletiva dos mais de quatro mil mortos do reduto santo-mor de Santa Maria-Caçador Grande em muito faz lembrar o Cemitério do Tarumã, em Manaus, durante a pandemia do novo corona vírus, SARS-CoV-2, que causa a COVID-19, que transformam os campos santos em campos da morte profana. Tem-se nessas situações a topofobia humana em face de um grande número de mortes (Tuan, 2012), quando há o impedimento de manutenção da cultura fúnebre pelas sociedades, e 110 anos depois da Guerra do Contestado, a população brasileira acabou vivenciando tal situação, sem ter memória do que havia ocorrido na Páscoa Sangrenta de 1915, no Contestado.

Referências Bibliográficas

Claval, P. (1999). *A Geografia Cultural*. Florianópolis: UFSC.

Flaviense, A. C. G. (s.d.). *A História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*. Rio de Janeiro: Editora Império.

Fraga, N. C. (2002). Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). *Revista PerCurso: Curitiba em Turismo*, 1 (1), 43-76.

Fraga, N. C. (2005). Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In C. J. Rezende, & I. Triches. *Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos* (pp. 228-255). Curitiba: Ed. Bagozzi.

Fraga, N. C. (2006). *Mudanças e permanências na rede viária do contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil*. [Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná].

Fraga, N. C. (2010a). *Vale da Morte: o Contestado visto e sentido. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná*. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul.

Fraga, N. C. (2010b). O território do Contestado (SC-PR) e as redes geográficas temporais (the contested territory and the temporal geographical networks). *Mercator* (Fortaleza. Online), 9, 37-45.

Fraga, N. C. (2012). *Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil*. Florianópolis: Editora Insular.

Fraga, N. C. (2013). Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In A. Wehling, A. C. Zeferino, A. P. de Moura, G. Axt, & H. C. Sanches. (Org.). *100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio* (pp. 369-392). Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina.

Fraga, N. C. (2016a). A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo. In A. A. Föetsch, A. Gemelli, D. Diane, & H. E. R. Buch (Org.). *Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico* (pp. 29-44). Curitiba: Íthala.

- Fraga, N. C. (2016b). *Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas*. Florianópolis: Editora Insular.
- Fraga, N. C. (2017). Araucaria angustifolia - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In N. C. Fraga (Org.). *Contestado, o território silenciado* (2da ed., pp. 269-296). Florianópolis: Insular.
- Fraga, N. C. (2017a). *Contestado, o território silenciado*. Florianópolis: Insular.
- Fraga, N. C. (2017b). *Contestado: redes no Geográfico*. Florianópolis: Editora Insular.
- Fraga, N. C. (2019). Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil. In S. C. A. Flamarion Duarte Alves, E. L. de Freitas Coca, & A. R. do Vale. (Org.). *A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea* (1a ed., pp. 84-114). Alfenas: Editora da Universidade Federal de Alfenas.
- Fraga, N. C. (2022a). Por uma Arqueogeografia do Contestado., A Guerra do Contestado como crime contra a Humanidade. *Iberografias: Revista de Estudos Ibéricos*, 43, 379-413.
- Fraga, N. C. (2022b). *Por uma Arqueogeografia brasileira: a possibilidade de análise profunda do território a partir da Guerra do Contestado como exemplo prático*. Videira: Êxito Editora e Comunicação.
- Fraga, N. C., & Simas, F. A. O. (2010). As tropas militares da guerra do Contestado em passagem no Vale do Itajaí: descrição da paisagem e do modo de vida regional. *Blumenau em Cadernos*, 51, 58-74.
- Jesus, F. P. S. (2014). Geografia da morte: a cultura fúnebre e os cemitérios de Salvador oitocentista (1860-1900). *Monções*, 1 (1), setembro de 2014, 148-158.
- Gallo, I. C. D. (1999). *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Centro de Memória Unicamp
- Lacerda Delfino, L., & Rios de Carvalho, M. E. (2020). A geografia social da morte às margens da modernização: as transformações conservadoras nas práticas de sepultamento em São João Del-Rei. *Caminhos da História*, 24 (2), 43-66. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2615>.
- Reichert, P. (2008). *Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto Novo: a segregação social do caboclo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Rocha, D. L.; Zatta, A.; Fraga, N. C. (2017). A construção de um novo estado: Santa Catarina, do Contestado ao agronegócio. *Geographia Opportuno Tempore*. UEL, 3, 63-77.
- Silveira, H. M., & Fraga, N. C. (2015). Fogo de (no) chão: pinhão, quirera e chimarrão - a comida como base cultural da Região do Contestado. *Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses*, 1, 303-327.

Soethe, R.; Fraga, N. C. (2012). Reduto e Combate Entre a Serra Acima e a Serra Abaixo: O Contestado Chega ao Vale do Itajaí: Itaiópolis e Santa Terezinha São Palco de Guerra. *Blumenau em Cadernos*, 53, 26-49.

Snowden, F. (2020). *Epidemics and Society, from the black death to the present*. London: Yale University Press.

Tolstoy, L. (2013). *Anna Karenina*. Penguin Publishing.

Tuan, Yi-Fu (2005). *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora da UNESP.

Tuan, Yi-Fu (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel.

Recebido em: 12 de dezembro de 2022

Aceito em: 9 de abril de 2023

